



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 5 – Nº 11 - Janeiro - Junho 2010

Semestral

Artigo:

A (DES)MOTIVAÇÃO DO CORPO DISCENTE E OS FATORES QUE A DETERMINAM NO CONTEXTO ESCOLAR

Autora:

Waleska Bernardi Fioravanço¹

¹ Professora licenciada em matemática. Vice-dietora e coordenadora pedagógica da Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Rigo – Marau/RS. Rua Nicandro Oltramari, 196, Bosque II. Cep. 99150-000-Marau-RS. walesfiora@yahoo.com

A (DES)MOTIVAÇÃO DO CORPO DISCENTE E OS FATORES QUE A DETERMINAM NO CONTEXTO ESCOLAR

O assunto da motivação tem sido colocado no centro das discussões acerca do que vai mal em nossas escolas (MCCASLIN; GOOD, 1996) .

Resumo: A motivação tornou-se um tema muito debatido na educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco. Em última instância, isso se configura numa situação educacional que impede a formação de indivíduos mais competentes para exercerem a cidadania e realizarem-se como pessoas. Considere-se, ainda, que o próprio desenvolvimento do potencial de cada um depende consideravelmente das aprendizagens escolares. Este artigo reflete que, se não há aprendizagem na escola, a qual depende de motivação, da mesma forma, não há futuro para os educandos.

Palavras-chave: cidadania, corpo discente, educação, motivação.

Abstract: The motivation became a very debated subject in the education, by the simple fact that, in parity with other conditions, its absence represents fall of personal investments of quality in the learning tasks. Discouraged students study very little or nothing and therefore, learn very little. In last instance, this configures in an educational situation that hinders the formation of more competent individuals to exert the citizenship and to be become completed as people. Considering still that the proper development of the potential of each one depends considerably on school learning's, this article reflects that, if it does not have learning in the school, which depends on motivation, in the same way, it does not have future for the students.

Key words: citizenship, student staff, education, motivation.

1 INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MOTIVAÇÃO

Antes da Revolução Industrial, a principal maneira de motivar consistia no uso de punições, criando, dessa forma, um ambiente generalizado de medo. Tais punições não eram unicamente de natureza psicológica, podendo aparecer sob forma de restrições financeiras, chegando até a se tornar reais sob forma de prejuízos de ordem física. Levando em conta que as organizações passaram a existir muito tempo antes da Revolução Industrial, é possível concluir que a preocupação com o aspecto motivacional do comportamento humano no trabalho represente um fato bastante recente (BERGAMINI, 1997).

Com a Revolução Industrial, investimentos cada vez mais pesados foram feitos com o objetivo de aumento da eficiência dos processos industriais que, por sua vez, passaram a exigir maiores e mais recompensadores retornos. Esse novo rumo nos negócios gerou grande preocupação em termos da melhora dos procedimentos na forma de trabalhar. Passou-se a exigir que o papel a ser desempenhado pelos gerentes e administradores fosse não só o de

encontrar pessoas mais adequadas para os diferentes cargos, como também de treiná-las no uso de ferramentas e métodos mais produtivos.

Para Bergamini (1997), a administração deveria, por sua vez, estar especialmente atenta, buscando delinear planos salariais que pudessem ser considerados como verdadeiros estimuladores para que o trabalhador maximizasse seus ganhos à medida que agisse com maior rapidez, fazendo exatamente aquilo que o seu gerente lhe ordenasse fazer. Organização e maximização de lucros tinham nitidamente precedência sobre quaisquer outras das possíveis finalidades das empresas.

De maneira especial, os partidários da administração científica esboçada por Taylor, por volta de 1911, defendiam o uso de formas de controle sobre os subalternos para que se conseguisse fazê-los atingir níveis predeterminados de produtividade. As operações de trabalho foram tornando-se cada vez mais simples e rotinizadas, começando, em especial, pelo fracionamento dos cargos nas linhas de montagem. Em lugar do clima de punição, adotou-se a crença de que o dinheiro seria a principal fonte de incentivo à motivação (BERGAMINI, 1997).

Todavia, o inesperado ocorreu. Dentro desse ambiente de incentivo à produtividade máxima, os trabalhadores logo perceberam que estavam arriscando a sua própria segurança no trabalho. É bem verdade que poderiam receber salários bem maiores, mas isso requeriria número menor deles para atingir a mesma produtividade. Com resposta a tal fato, optaram por adotar atitudes que levassem à restrição da produtividade, salvaguardando, assim, a sua permanência no emprego por mais tempo. Drucker *apud* Bergamini (1977, p. 21) ressalta o caráter perverso desse tipo de tratamento quando analisa que os incentivos econômicos vão se tornando direitos, em vez de recompensas.

Uma segunda proposta surge com Elton Mayo que defende nova filosofia administrativa. Com ele, percebeu-se a importância de considerar a pessoa na sua totalidade. Pressupunha-se que a melhor maneira de motivar os empregados deveria caracterizar-se por forte ênfase do comportamento social dos mesmos. Os administradores e supervisores passaram, então, a procurar fazer com que os empregados sentissem a sua utilidade e importância pessoal no trabalho (BERGAMINI, 1997).

Para os adeptos da Escola de Relações Humanas, os objetivos motivacionais a serem perseguidos em situação de trabalho orientavam as pessoas para se sentirem úteis e importantes. Além disso, segundo a mesma autora, era necessário satisfazer ao desejo natural dos trabalhadores de se considerarem parte integrante de um grupo social, sem que fosse

esquecido o reconhecimento individual a cada um deles. O papel desempenhado pelos supervisores deveria deixar clara a sua preocupação e simpatia para com os problemas, as necessidades e os desejos dos subordinados. Embora de maneira diferente, continuou-se a manipular as pessoas no trabalho.

A partir desse novo modelo de compreensão do ser humano em situação de trabalho, passou-se a valorizar a intensificação dos canais de comunicação, tanto no sentido ascendente, como principalmente no descendente. Os trabalhadores deveriam, segundo essa nova diretriz, conhecer, de forma tão ampla quanto possível, tudo o que dissesse respeito à organização, tendo, ao mesmo tempo, abertura suficiente para emitir suas opiniões a respeito de tudo, quer fosse quanto às estratégias produtivas, quer quanto às diretrizes administrativas da organização. Consequentemente, as formas de recompensa dos esforços no trabalho deixaram de ser individuais para ser aplicadas sob a forma de incentivos grupais (BERGAMINI, 1997).

Esse tipo de suposição que relaciona a motivação a um único fator, seja ele dinheiro, seja relacionamento interpessoal, logo dá provas da sua debilidade como explicação capaz de oferecer maior segurança em termos da escolha da melhor filosofia administrativa. O ser humano não só em si mesmo, como também enquanto confrontado com seu trabalho mostra claramente ser mais complexo do que era de se esperar. Como ressalta Meignez apud Bergamini, “tudo se passa um pouco como se os homens apresentassem decididamente mais problemas em seu funcionamento natural do que as máquinas em seu funcionamento artificial” (1997, p. 22). Essa constatação leva à busca de outras possíveis soluções. Surgem, a partir de então, novas suposições consideradas um pouco mais elaboradas, mas que formaram todo um composto de considerações, nas décadas subsequentes. Continuava-se, assim, buscando novas soluções para os antigos problemas de motivação.

Se, no início deste século, o desafio era descobrir aquilo que se deveria fazer para motivar as pessoas, mais recentemente tal preocupação muda de sentido. Passa-se a perceber que cada um já trás, de alguma forma, dentro de si, suas próprias motivações. Aquilo que mais interessa, então, é encontrar e adotar recursos organizacionais capazes de não sufocar as forças motivacionais inerentes às próprias pessoas. O importante, então, é agir de tal forma que as pessoas não percam a sua sinergia motivacional. Descobre-se finalmente, que o ser humano não se submete passivamente ao desempenho de atividades que lhe sejam impostas e que, por conseguinte, não tenham para ele nenhum significado. Drucker citado por Bergamini alerta: “É precisamente o crescente nível de expectativas materiais que torna a cenoura das

recompensas materiais cada vez menos eficaz como força de motivação e como instrumento administrativo” (1997, p. 23).

As organizações empresariais são forçadas a não aceitar mais a suposição de que o trabalho seja por natureza desagradável. Pelo contrário, ele realmente tem sentido para as pessoas à medida que se reconhecem naturalmente envolvidas por ele. A motivação para um trabalho depende do significado que cada qual atribui a essa atividade. Acredita-se que a ligação do trabalhador com a empresa seja um elo habitual. Portanto, já não faz mais sentido negar que, em condições favoráveis, cada pessoa exerça com naturalidade seu poder criativo, buscando aí seu próprio referencial de auto-identidade e auto-estima. A motivação é considerada agora como um aspecto intrínseco às pessoas; ninguém pode, por isso mesmo, motivar ninguém, sendo que a motivação específica para o trabalho depende do sentido que se dá a ele.

2 IMPORTÂNCIA E SIGNIFICADO DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

O processo de aprendizagem é pessoal, sendo resultado de construção e experiências passadas que influenciam as aprendizagens futuras. Dessa forma, a aprendizagem numa perspectiva cognitivo-construtivista é como uma construção pessoal resultante de um processo experimental, interior à pessoa e que se manifesta por uma modificação de comportamento.

Ao aprender o sujeito acrescenta aos conhecimentos que possui novos conhecimentos, fazendo ligações àqueles já existentes. E durante o seu trajeto educativo tem a possibilidade de adquirir uma estrutura cognitiva clara, estável e organizada de forma adequada, tendo a vantagem de poder consolidar conhecimentos novos, complementares e relacionados de alguma forma.

O principal objetivo da educação é o de levar o aluno com um certo nível inicial a atingir um determinado nível final. Se conseguir fazer com que o aluno passe de um nível para outro, então terá registrado um processo de aprendizagem.

Cabe aos educadores proporcionar situações de interação tais, que despertem no educando motivação para interação com o objeto do conhecimento, com seus colegas e com os próprios professores.

Porque, mesmo que a aprendizagem ocorra na intimidade do sujeito, o processo de construção do conhecimento dá-se na diversidade e na qualidade das suas interações. Por isso a ação educativa da escola deve propiciar ao aluno oportunidades para que esse seja induzido a um esforço intencional, visando resultados esperados e compreendidos.

Ter consciência do fato de que cada um possa perseguir determinado objetivo motivacional não diz muita coisa. No entanto, conhecer as razões pelas quais essas pessoas fazem isso e como o fazem pressupõe um conhecimento mais profundo do comportamento humano, que não se restringe apenas àquele que o leigo usa para interpretar as ações humanas. Antes de mais nada, é necessário manter sob suspeita explicações genéricas, como alerta Hogue *apud* Bergamini:

Esquece-se com frequência como o indivíduo originalmente funciona. Esquece-se que, no seu interior, em cada uma das suas atividades, a pessoa, como um todo, põe em jogo suas capacidades individuais e procura responder as necessidades específicas. Ela adota, então, um modo pessoal de funcionar, que lhe é próprio e a distingue daquele típico do seu vizinho (1997, p. 26).

O que se julgava poder ter sido resolvido apenas com um simples bom-senso mostra-se mais complicado do que se pode imaginar. Descobre-se, então, que é necessária uma abordagem mais cuidadosa e mais científica sobre o assunto.

A motivação cobre grande variedade de formas comportamentais. A diversidade de interesses percebida entre os indivíduos permite aceitar, de forma razoavelmente clara, que as pessoas não fazem as mesmas coisas pelas mesmas razões. Quando se fala de motivação humana, parece inapropriado que uma simples regra geral seja considerada como recurso suficiente do qual se lança mão quando o objetivo é a busca de uma explicação ao mesmo tempo mais abrangente e mais precisa sobre as possíveis razões que levam as pessoas a agir. Existem muitas razões que explicam uma simples ação. Grande parte desses determinantes residem no interior das pessoas, tais como os seus traços de personalidade, suas predisposições e emoções, as suas atitudes, bem como as suas crenças, e assim por diante. Citando Levy-Leboyer, Bergamini assinala que:

... o verbo motivar não pode existir sem complemento. Os responsáveis por empresas cometem o erro de solicitar pessoal 'motivado' dentro do mesmo espírito, como se isso significasse uma qualidade permanente e distribuída de forma homogênea; não existe o pequeno gênio da motivação que transforma cada um de nós em trabalhador zeloso ou nos condena a ser o pior dos preguiçosos. Em realidade, a desmotivação não é nem um defeito de uma geração, nem uma qualidade pessoal, pois ela está ligada

a situações específicas. Um indivíduo motivado aqui será diferente em outro lugar (1997, p. 27).

Isso significa, portanto, que as pessoas, no desenrolar do seu processo motivacional têm a sua atenção voltada para o desempenho de uma atividade específica e buscam atingir determinado fim, dentro de uma contingência particular.

3 CARACTERÍSTICAS DO COMPORTAMENTO MOTIVACIONAL

Embora diferentes teorias sobre motivação tenham apresentado diferentes enfoques científicos a respeito das características e do processo em que ela ocorre, há considerações gerais que podem caracterizar-se como sintomas capazes de distingui-la de outros tipos de funções próprias do comportamento humano.

Tomando, por exemplo, a origem etimológica do termo, descobre-se que ela explica aquilo que é básico e mais geral sobre o assunto. Motivação deriva originalmente da palavra latina *movere*, que significa mover. Essa origem da palavra encerra a noção de dinâmica ou de ação que é a principal tônica dessa função particular da vida psíquica. O caráter motivacional do psiquismo humano abrange, portanto, os diferentes aspectos que são inerentes ao processo, por meio do qual o comportamento das pessoas pode ser ativado.

As diferentes necessidades que coexistem no interior de cada um são comparadas àquilo que também se denomina de desejos ou expectativas e têm como origem carências dos mais diferentes tipos, tanto no tocante ao componente físico, como ao psíquico da personalidade.

A existência de carências intrínsecas que são as necessidades não supridas determina um estado de desequilíbrio que, enquanto tal, gera sensações emocionalmente negativas de ameaça à integridade do indivíduo, sendo, portanto, desagradáveis. Quando as pessoas pretendem livrar-se dessa situação negativa de desequilíbrio, associam a tais expectativas a crença antecipada que determinadas ações poderão conduzi-las na direção de estados mais confortáveis pelo fato de serem capazes de restituir o equilíbrio perdido. Nisso reside, portanto, o desejo de atingir determinado objetivo que é, por sua vez, outro aspecto integrante da psicodinâmica motivacional.

Steers e Porter, citados por Bergamini (1997), propõem que a motivação seja uma cadeia de eventos baseada no desejo de reduzir um estado interno de desequilíbrio tendo como

base a crença de que certas ações deveriam servir a esse propósito. Para tais autores os indivíduos agem da maneira pela qual acreditam que serão levados até o objetivo desejado.

É importante que se leve em consideração a existência das diferenças individuais e culturais entre as pessoas quando se fala em motivação. Esse diferencial não só pode afetar significativamente a interpretação de um desejo, mas também o entendimento da maneira particular como as pessoas agem na busca dos seus objetivos.

Aos poucos vai-se tornando viável entender que não é possível motivar quem quer que seja. As pessoas já trazem dentro de si expectativas pessoais que ativam determinado tipo de busca de objetivos. Essa tem sido a grande dificuldade em orientar as pessoas para que determinado trabalho seja feito.

A motivação, portanto, só pode ser considerada como um processo intrínseco. Para um dos principais especialistas no assunto, como Deci:

A maneira mais fundamental e útil de pensar a respeito desse assunto envolve a aceitação do conceito de motivação intrínseca, que se refere ao processo de desenvolver uma atividade pelo prazer que ela mesma proporciona, isto é, desenvolver uma atividade pela recompensa inerente a essa mesma atividade (*apud* BERGAMINI, 1997, p. 33).

Essa forma de considerar o comportamento motivacional implica o reconhecimento de que ele representa a fonte mais importante de autonomia pessoal, à medida que as pessoas podem, de certa forma, escolher que tipo de ação empreender com base em suas próprias fontes internas de necessidades e não simplesmente responder aos controles impostos pelo meio exterior.

Outro aspecto que deve ser levado em conta quando se busca a compreensão mais clara do comportamento motivacional é o fato de que ele seja extremamente variado mesmo quando se trata de uma única pessoa. À medida que um tipo de necessidade é suprida, a atenção do indivíduo volta-se para outros objetivos ou finalidades. Pelo simples fato de ter sido aplacada determinada necessidade, outra já pode estar sendo gerada como decorrência do surgimento de novo estado de desequilíbrio interno. Essa variabilidade entre necessidades e escolha de objetivos dificulta o estabelecimento de um padrão único de identidade do comportamento motivacional.

Até certo ponto, a maior parte das teorias psicológicas sobre motivação foi, de alguma forma, inspirada pelas correntes filosóficas gregas que apregoaram o hedonismo. Para esse tipo de pensamento, as pessoas, de maneira habitual, tendem a buscar o prazer e a evitar a dor.

A suposição básica contida na maioria dos enfoques psicológicos é de que o comportamento conciente, por parte dos indivíduos, leva-os a tomar decisões intencionais quanto às suas futuras ações. Dentro da medida do possível, as pessoas consideram com alguma clareza as alternativas comportamentais disponíveis, agindo, então, de forma a maximizar os possíveis resultados positivos da sua ação. Conseqüentemente e ao mesmo tempo, elas estão tentando minimizar aqueles resultados negativos dessa mesma ação.

Quanto mais se aprofunda o estudo do comportamento motivacional humano, mais claramente se percebe que a motivação de cada um está ligada a um aspecto que lhe é muito caro, aquele que diz respeito à sua própria felicidade pessoal.

4 A MOTIVAÇÃO DO ALUNO

No aluno, a motivação é considerada como determinante talvez principal do êxito e da qualidade da aprendizagem escolar. Quem estuda pouco, ou quem lê pouco, aprende pouco. A qualidade e a intensidade do envolvimento nas aprendizagens depende de motivação. Mas também se reconhece que se trata de uma variável complexa e multifacetada (BZUNECK, 2001).

Deve-se ter presente que a motivação dos alunos se refere a atividades que são bem peculiares. São atividades frequentemente árduas e áridas, obrigatórias, exercidas sob cobrança e avaliação externas, em interação constante com outros colegas e com um(a) professor(a). Daí que a motivação no contexto escolar tem características diferentes da motivação em outras áreas, como os esportes, trabalho profissional, artes etc.

A motivação do aluno é um problema de ponta em educação. Assim, afeta diretamente o ensino, ou seja, motivar os alunos é uma das tarefas constantes de quem ensina. Segundo Bzuneck (2001), quando o aluno não faz sua parte, a explicação vai além dele mesmo, para abranger também os responsáveis por ele. A questão da motivação do professor, do aluno e dos pais é uma das mais importantes que hoje temos em mãos.

Entetanto, a motivação mesma não pode ser ensinada, nem treinada, como se fosse uma habilidade ou um conhecimento. Ela pode sim, ser objeto de socialização. Existem estratégias de ensino que têm como efeito incrementar, orientar, consolidar a motivação do aluno, em oposição a outras estratégias que a prejudicam. Assim, a motivação não apenas

influencia os resultados de aprendizagem, mas ela própria é resultado de certos processos de interação social em classe.

Uma vez que é papel do(a) professor(a) ocupar-se com a motivação de seus alunos, é importante que se considerem, antes de tudo, certas atitudes negativas e crenças errôneas que os(as) professores(as) podem abrigar e que colocam em risco seu trabalho de socialização para motivação positiva.

Motivar o ensino é relacionar o trabalho escolar aos desejos e necessidades do aluno. É apresentar “incentivos” que despertem, na criança, certos motivos que a levarão a estudar. Os professores, tradicionalmente, usaram como incentivos notas, prêmios, castigos, elogio e censura.

Essa motivação produz, no aluno, a atenção voluntária, isto é, o aluno se esforçará para dar atenção ao trabalho escolar, mas devido à pouca idade das crianças do ensino fundamental, a duração da atenção voluntária é muito curta. A este tipo de motivação, também chamada de “motivação externa” ou “extrínseca”, é usado pela escola tradicionalista ou escola antiga. (GUIMARÃES, 2001).

Atualmente, recomenda-se que os professores procurem transformar o próprio trabalho escolar em incentivo, despertando, nos alunos, certos “motivos”, como, por exemplo: o desejo de novas experiências, de aprovação social etc.

As aulas ministradas como brincadeiras, como historietas, cantos, dramatização etc., são exemplos de “motivação interna” ou “intrínseca” (GUIMARÃES, 2001).

Usando este tipo de motivação, o professor conseguirá do aluno atenção espontânea, isto é, a criança será levada natural e espontaneamente, a prestar atenção ao trabalho escolar. Esse tipo de atenção pode ser mantido por longo tempo.

A motivação no contexto escolar foi progressivamente estudada, na história da Psicologia, sob ângulos diversos e assim criaram-se muitas teorias e abordagens. Nos dias atuais, como resultado dessa construção histórica, ela aparece como um objeto altamente complexo. Por esse motivo, faz-se necessário que tenhamos uma visão panorâmica dessa área de estudos e seus principais componentes.

Uma primeira idéia sobre motivação, normalmente aplicável a qualquer tipo de atividade humana, é fornecida pela própria origem etimológica da palavra, que, como já foi dito, vem do verbo latino *movere*, cujo tempo supino *motum* e o substantivo *motivum*, do latim tardio, deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é motivo. Assim,

genericamente, a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso.

A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou um conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, investigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo, como o de prestar atenção ou fazer o dever de casa. Além disso, e não menos importante, asseguram a sua persistência, dado que emergem no percurso não apenas obstáculos e fracassos como outros motivos concorrentes que tentam a pessoa a interromper ou a mudar o curso de ação (BZUNECK, 2001).

Entretanto, as concepções contemporâneas da motivação têm ampliado a abordagem mecanicista do comportamento, preponderante numa época em que se focalizaram constructos como drive, instintos, necessidades etc. O mesmo termo motivação assumiu atualmente conotações novas e mais diversificadas, sobretudo em função das metas pessoais, que exprimem, cognitivamente, a razão ou o porquê das escolhas e do esforço (BZUNECK, 2001).

A metáfora de investimento pessoal parece contribuir adicionalmente para se compreender o que seja motivação (BZUNECK, 2001). Toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talentos, conhecimentos e habilidades, que poderão ser investidos numa certa atividade escolhida e será mantido enquanto os fatores motivacionais estiverem atuando.

Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência deve estar motivado, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente dependentes de motivação, como esporte, lazer, brinquedo, ou trabalho profissional. Em primeiro lugar, o aluno deve executar tarefas que são maximamente de natureza cognitiva, que incluem atenção e concentração, processamento, elaboração e integração da informação, raciocínio e resolução de problemas. Segundo o enfoque construtivista, o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, cabendo-lhe realizar determinados processos cognitivos, que ninguém pode fazer por ele (SALVADOR *apud* BZUNECK, 2001).

Além disso, todo aluno deve, na escola, cumprir um currículo obrigatório, com atividades prescritas até quanto aos detalhes de execução. Há uma diferenciação progressiva de série para série escolares atividades devem ser exercidas num ambiente grupal, que é uma sala com algumas dezenas de colegas e sob a guia de um professor; os conteúdos são bem

variados, contando-se entre eles alguns que são árduos, de certa extensão, por vezes áridos ou abstratos, embora de algum modo significativos e relevantes, o que nem sempre é evidente para o aluno e existe avaliação, cujas consequências têm altas implicações de natureza socioemocional.

A motivação do aluno, portanto, está relacionada com trabalho mental situado no contexto específico das salas de aula. Surge daí a conclusão de que seu estudo não pode restringir-se à aplicação direta dos princípios gerais da motivação humana, mas deve contemplar e integrar os componentes próprios de seu contexto (BROPHY *apud* BZUNECK, 2001).

5 ESPECIFICANDO OS EFEITOS DA MOTIVAÇÃO DO ALUNO

Entendida como fator ou como processo, a motivação responde por determinados efeitos, dos quais se podem identificar os dois níveis distintos de efeitos imediatos e efeitos finais.

Em sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem, o que implica em ele ter escolhido esse curso de ação, entre outros possíveis e ao seu alcance. Tal envolvimento consiste na aplicação de esforço no processo de aprender e com a persistência exigida por cada tarefa. Como consequência, denomina-se desmotivado (e este é um conceito puramente descritivo) o aluno que não investir seus recursos pessoais, ou seja, que não aplicar esforço, fazendo apenas o mínimo, ou se desistir facilmente quando as tarefas lhe parecerem um pouco mais exigentes.

Maehr e Meyer, citados por Bzuneck (2001), reportando-se à literatura mais recente, lembram que a motivação positiva na escola implica em qualidade do envolvimento, ou seja, o investimento pessoal deve ser da mais alta qualidade possível. Não basta, portanto, que o aluno aplique algum esforço, porém exige-se que enfrente tarefas desafiadoras que, por sua natureza, cobram maior empenho e perseverança. Mais ainda, a qualidade do investimento pessoal implica no emprego de estratégias de aprendizagem, cognitivas, metacognitivas e de gerenciamento de recursos, o que significa que os novos conhecimentos serão construídos mediante o que se denomina processamento de profundidade.

Mas a motivação, mediante seus efeitos imediatos de escolha, investimento de esforço com perseverança e de envolvimento de qualidade, conduz igualmente a um resultado final que são os conhecimentos contruídos e habilidades adquiridas, ou seja, em última instância, ela assegura a ocorrência de produtos de aprendizagem ou tipos de desempenho socialmente valorizados.

Nem sempre tais produtos são facilmente identificáveis e não necessariamente surgem de imediato, podendo levar tempo para se revelarem. E também é verdade que, mesmo no que diz respeito apenas aos alunos, eles não dependem exclusivamente de sua motivação. Adelman e Taylor (*apud* BZUNECK, 2001), porém, lembram o que todo educador já sabe por experiência própria: se um aluno é motivado a aprender alguma coisa, poderá chegar a resultados surpreendentes, mais do que se poderia prever com base em outras características pessoais. Já o aluno desmotivado apresentará sub-rendimento em suas aprendizagens, ou seja, terá um desempenho medíocre, abaixo de sua capacidade, fato particularmente lamentável quando se trata de alunos talentosos.

Os educadores visam a que seus alunos cheguem a resultados que, no ambiente de sala de aula, são frequentemente quantificados, como ocorre com as notas. De alguma forma e de modo geral, a motivação do aluno tem relação com esse tipo de resultado. E não há nenhuma dúvida de que, educacionalmente, se deva aspirar pelos mais altos resultados que cada aluno possa conseguir.

6 É PRECISO REVER CERTAS CRENÇAS PESSOAIS SOBRE MOTIVAÇÃO

Tanto a experiência diária como a literatura atestam que, em qualquer nível de escolaridade, os professores podem deter certas crenças ou teorias negativistas e errôneas sobre motivação. Entre elas, aparentemente a mais nociva, mas não menos difundida, é a crença de que os professores podem fazer muito pouco pela motivação, dado que as condições contextuais são totalmente adversas, a ponto de frustrarem qualquer iniciativa nesse sentido. Acreditam até que já fazem muito bem sua parte, mas outras forças externas incontroláveis neutralizam seus esforços. No final, vem uma fase que sintetiza tal percepção negativista: as coisas são como aí estão e não podem mesmo ser mudadas.

Há que se concordar que, particularmente em nosso país, afora notáveis exceções, existem condições ambientais, bem fáceis de se arrolar, que representam sérios obstáculos à

eficácia do ensino. Mas, apesar dessas condições adversas, muitas das quais realmente escapam ao controle dos professores, eles precisam tomar consciência de que não estão totalmente de mãos amarradas. Resta-lhes amplo espaço de liberdade de ação no recinto das quatro paredes de sua classe. A mídia tem divulgado, vez por outra, resultados extraordinários alcançados por professores de nosso país que atuam em condições extremas, que não se acreditaria ser possível superar. E esses não são os únicos casos de sucesso educacional e talvez nem sejam os casos com os desafios mais difíceis.

Em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores. E, para começar, a percepção de que é possível motivar todos os alunos nasce de um senso de compromisso pessoal com a educação: mais ainda, de um entusiasmo e até uma paixão pelo seu trabalho (BZUNECK, 2001).

Bandura citado por Bzuneck (2001) preconiza que a motivação dos professores para trabalhar em qualquer condição depende acentuadamente do nível de sua crença de auto-eficácia, ou seja, da crença de que pode exercer ações destinadas a produzirem certos resultados. Segundo esse autor, a motivação para enfrentar situações difíceis no ensino deriva do pareamento que a pessoa faz entre suas próprias capacidades percebidas e as condições reais dos desafios. Assim, altas crenças de eficácia são a primeira condição para os professores lidarem com o difícil problema de motivar os alunos. Tais crenças originam-se, por sua vez, de influências sociais positivas de colegas e da direção e, mais que tudo, de experiências reais de êxito, que ocorrem em função de muitos conhecimentos e habilidades adquiridas.

7 PROBLEMAS DE MOTIVAÇÃO NOS ALUNOS

O assunto da motivação tem sido colocado no centro das discussões acerca do que vai mal em nossas escolas. Ora, professores de todos os níveis escolares queixam-se de alunos desmotivados. O que tais professores querem dizer, porém, é o que observam que seus alunos (ou alguns deles) não estão revelando aquela dedicação desejável aos estudos e, ao contrário, apresentam comportamentos de indisciplina. Em outros casos, os professores estão fazendo atribuição de causalidade pelo fracasso dos alunos. Se não estão rendendo como esperado, é porque estão desmotivados.

É necessária uma certa cautela com tais inferências. Stipek *apud* Bzuneck (2001) alerta para as dificuldades de se identificar, nas situações concretas, qual é o aluno que sofre de problemas de motivação e de que problema. Existem alunos que parecem estar muito atentos em classe, quando sua mente está realmente ocupada com assuntos totalmente estranhos. Certos comportamentos desejáveis na sala de aula e até um desempenho escolar satisfatório podem marcar sérios problemas motivacionais, enquanto que um mau rendimento em classe pode, às vezes, não ser causado simplesmente por falta de esforço, ou seja, por desmotivação. Desta forma, além da avaliação dos desempenhos e da consideração de comportamentos abertos, a identificação de reais problemas de motivação depende de um conhecimento mais acurado do aluno, de seu nível de capacidade, seus conhecimentos prévios, os métodos de estudo e até a disponibilidade de recursos. Infelizmente, porém, as interações que ocorrem normalmente durante as aulas não parecem suficientes para propiciarem tal conhecimento mais acurado.

Por outro lado, não se deve generalizar indiscriminadamente a ocorrência da desmotivação entre os alunos. É altamente plausível que, em muitas salas de aula de nosso país, esse problema seja bem restrito, talvez inexistente. Mas, como dependemos da queixa dos pais ou professores de que o problema existe em sua sala e como os professores não conseguem identificá-lo sempre e com objetividade, não se descarta a probabilidade de que o fenômeno seja muito mais frequente e até mais sério do que se tem relatado.

Stipek, para melhor ilustrar, cita pesquisas que apontam diferenças de problemas em função das séries de escolaridade. Enquanto que na pré-escola praticamente não existem problemas de motivação, nas primeiras séries do ensino fundamental podem surgir alguns problemas simples, ligados à novidade das demandas, como seguir as instruções ou até por se ter que ficar quieto no seu lugar. Porém, à medida que as crianças sobem de série, cai o interesse e facilmente se instalam dúvidas quanto à capacidade de aprender certas matérias. Em seguida, quanto mais avançadas as séries, os problemas tendem a ser mais complexos e profundos, por terem raízes naqueles que se originaram nas séries iniciais e por sofrerem influência das novas exigências dos diferentes tipos de disciplinas, aliadas às características evolutivas do aluno (*apud* Bzuneck, 2001).

Embora se possa lamentar a inexistência, em nosso meio de pesquisas sistemáticas sobre esse perfil relacionado com as séries escolares, tanto a experiência diária como o depoimento de muitos professores tendem a confirmar tal ocorrência com nossas crianças e adolescentes.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, envolvendo aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais. A aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como de transferência destes para novas situações.

A estrutura cognitiva do aluno tem que ser levada em conta no processo de aprendizagem. Os conhecimentos que o aluno apresenta e que correspondem a um percurso de aprendizagem contínuo são fundamentais na aprendizagem de novos conhecimentos.

São os conhecimentos que o aluno já possui que influenciam o comportamento do aluno em cada momento, uma vez que disponibiliza os recursos para a aptidão.

É necessário refletir sobre o que é o conhecimento e perceber que é algo de complexo que deve ser entendido como um processo de construção e não como um espelho que reflete a realidade exterior.

O professor deve utilizar as estratégias que permitam ao aluno integrar conhecimentos novos, utilizando para tal métodos adequados e um currículo bem estruturado, não esquecendo do papel fundamental que a motivação apresenta neste processo.

As técnicas de incentivo que buscam os motivos para o aluno se tornar motivado, proporcionam uma aula mais efetiva por parte do docente, pois ensinar está relacionado à comunicação.

O ensino só tem sentido quando implica na aprendizagem, por isso é necessário conhecer como o professor ensina e entender como o aluno aprende, só assim o processo educativo poderá acontecer e o aluno conseguirá aprender a pensar, a sentir e a agir. Não há aprendizagem sem motivação, assim um aluno está motivado quando sente necessidade de aprender o que está sendo tratado. Por meio dessa necessidade, o aluno se dedica às tarefas inerentes até se sentir satisfeito.

Levando em conta todas as leituras feitas foi possível perceber que a motivação é um processo mental positivo que estimula a iniciativa e determina o nível de entusiasmo e esforço que a pessoa aplica no desenvolvimento de suas atividades. O processo motivacional é responsável pela intensidade, direção e persistência desses esforços. E que o nível de motivação é influenciado por diversos fatores como personalidade da pessoa, suas percepções do meio ambiente, interações humanas e emoções.

E tendo em vista que a aprendizagem é um fenômeno extremamente complexo, que envolve aspectos cognitivos, emocionais, orgânicos, psicossociais e culturais e que, é resultante do desenvolvimento de aptidões e de conhecimentos, bem como da transferência destes para novas situações.

De acordo com Bock (1999), o processo de organização das informações e de integração do material à estrutura cognitiva é o que os cognitivistas denominam aprendizagem. A abordagem cognitivista diferencia a aprendizagem mecânica da aprendizagem significativa. O mesmo autor destaca que a aprendizagem mecânica refere-se à aprendizagem de novas informações com pouca ou nenhuma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva.

Já a aprendizagem significativa, segundo a autora, processa-se quando um novo conteúdo (idéias ou informações), relaciona-se com conceitos relevantes, claros e disponíveis na estrutura cognitiva, sendo assim assimilado.

É necessário refletir que cada indivíduo apresenta um conjunto de estratégias cognitivas que mobilizam o processo de aprendizagem. Em outras palavras, cada pessoa aprende a seu modo, estilo e ritmo. Embora haja discordâncias entre os estudiosos, estes são quatro categorias representativas dos estilos de aprendizagem.

O conhecimento pode ainda ser aprendido como um processo ou como um produto. Quando nos referimos a uma acumulação de teorias, idéias e conceitos o conhecimento surge como um produto resultante dessas aprendizagens, mas como todo produto é indissociável de um processo, podemos então olhar o conhecimento como uma atividade intelectual através da qual é feita a apreensão de algo exterior à pessoa.

Assim, na concepção Vygotskyana, o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala.

Vigotsky (1991) diz ainda que o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-evolutiva.

Um fator de facilitação, porém crucial para o êxito nessa empreitada, é o envolvimento da escola como um todo. Isto é, exige-se que todos no âmbito da instituição escolar – professores(as), a direção e a equipe de apoio pedagógico – atuem de forma uníssona na

mesma direção. Num ambiente de cooperação e de outras interações positivas, o esforço e as iniciativas de cada professor, individualmente, terão mais eficácia em função do apoio que cada um representa para seus pares. Ademais, as reações positivas dos próprios alunos, sobretudo em termos de envolvimento com a aprendizagem, resultarão de suas percepções do tipo de cultura da sua escola, que deve representar um clima altamente incentivador do trabalho mental.

REFERÊNCIAS

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BOCK, Ana Mercedes Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma introdução ao estudo da psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BZUNECK, José Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno**. Petrópolis: Vozes, 2001.

GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In. BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo. **A motivação do aluno**. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. A. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.